

## TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Regime iraniano garante que tomou as “medidas necessárias” para preservar o enriquecimento de urânio, mesmo depois de bombardeios. Relatório da Inteligência de Defesa americana sugere atraso de apenas seis meses nas ambições atômicas de Teerã

# Incertezas envolvem programa nuclear

» RODRIGO CRAVEIRO

Mais do que uma questão de transição energética, o programa nuclear era visto pelas autoridades e pela população do Irã como um motivo de orgulho nacional. Para uma parte da comunidade internacional, transmitia desconfiança e estava fadado à fabricação de uma arma atômica. Durante os 12 dias de guerra, as Forças de Defesa de Israel (IDF) bombardearam sucessivamente as instalações de processamento de urânio de Natanz, Isfahan e Bushehr.

Na madrugada de domingo (pelo horário local), os EUA entraram na guerra: sete bombardeiros B-2 Spirit —furtivos aos radares— despejaram dez bombas antibunker GBU-57, de 14t, sobre a usina nuclear subterrânea de Fordow. Caças americanos também atacaram Natanz e Isfahan. No dia seguinte, o presidente Donald Trump anunciou o êxito da operação. “Ontem, tivemos um sucesso militar espetacular, tirando a ‘bomba’ das mãos deles (e a usariam se pudessem!)”, escreveu o republicano.

Uma imagem flagrada por satélite, na última quinta-feira, dois dias antes do ataque americano a Fordow, levantou suspeitas de que o regime teocrático islâmico possa ter se antecipado ao bombardeio para tentar salvar o programa nuclear. Dezesseis caminhões, em fila, aparecem estacionados diante da principal entrada de Fordow. Construída dentro de uma montanha, Fordow mantém 2.976 centrífugas a cerca de 90m de profundidade.

O flagrante sugere que todo o urânio altamente enriquecido tenha sido removido do complexo para um local desconhecido. Um jornal da Arábia Saudita publicou que Israel conhece o paradeiro da carga. O Irã garante que “tomou as medidas necessárias” para a continuidade do programa nuclear. “Os planos para reativar (as instalações) foram preparados com antecedência, e a estratégia é garantir que a produção não seja interrompida”, declarou o chefe da Organização de Energia Atômica do Irã, Mohammad Eslami. Um relatório da Agência de Inteligência de Defesa dos EUA, divulgado também ontem, indica que os bombardeios a Natanz, Isfahan e Fordow apenas atrasaram em menos de seis meses o programa nuclear.

Nicholas L. Miller, professor de governo da Dartmouth College (em New Hampshire) e especialista em proliferação nuclear, explicou ao **Correio** que o ataque dos Estados Unidos a Fordow, no último sábado, danificou, “mas certamente não destruiu o programa nuclear iraniano”. “Pelo menos grande parte de urânio altamente enriquecido está provavelmente intacto, e o Irã provavelmente ainda possui muitas centrífugas. É provável que Teerã mantenha e busque reconstruir seu programa nuclear, inclusive, pode até considerar a saída do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP)”, afirmou.

Miller não descarta que o regime iraniano tenha escondido o urânio altamente enriquecido antes do bombardeio a Fordow. “Como era de conhecimento público que os EUA

Maxar Technologies/X/Reprodução



Imagem de satélite mostra 16 caminhões diante do túnel de entrada do complexo de Fordow, em 19 de junho

preparavam um possível ataque, é lógico que o Irã buscava proteger suas capacidades nucleares o máximo possível. As imagens de satélite parecem corroborar a ideia de que o Irã removeu materiais de Fordow antes do ataque.”

### “Impossível”

Diretor de Pesquisas do Programa de Política Externa do think

tank Brookings Institution (em Washington), Michael O’Hanlon disse à reportagem que, por enquanto, é impossível inferir se o programa nuclear foi desmantelado ou não pelas bombas antibunker, em Fordow. “As informações visuais vindas de satélites são inconclusivas. Acredito que a capacidade da arma americana de penetrar profundamente seja apenas parcialmente compreendida”,

admitiu. “Creio que a probabilidade de os iranianos contarem o que ocorreu, ou deixarem os inspetores verificarem, seja modesta. Podemos saber com o passar do tempo, mas também podemos não tomar conhecimento disso.”

Por sua vez, John Erath, diretor sênior de Políticas do Centro de Controle de Armas e Não Proliferação, também sediado na capital dos EUA, concorda em parte com O’Hanlon.

### Eu acho...

Arquivo pessoal



“Provavelmente, o Irã manterá e buscará reconstruir seu programa nuclear. O país tem se comprometido fortemente com o programa de enriquecimento de urânio durante décadas. Os ataques dos Estados Unidos e de Israel — que foram parte de um esforço para a mudança do regime — podem convencer a liderança iraniana de que armas nucleares são essenciais para a segurança nacional.”

**Nicholas L. Miller**, professor de governo da Dartmouth College (em New Hampshire) e especialista em proliferação nuclear

“É difícil avaliar a extensão dos danos a Fordow, especialmente ante o fato de que partes importantes dos alvos são subterrâneas. É provável que houve algum dano, mas mesmo que as instalações estejam atualmente inoperantes, o programa de armas nucleares não está encerrado. O Irã retém o elemento mais importante — o conhecimento técnico — e pode reconstruí-lo”, assegurou ao **Correio**.

Erath reconhece a possibilidade de o regime iraniano ter retirado a carga radioativa da usina de Fordow. “O urânio enriquecido é relativamente transportável. Caso haja novas negociações sobre o futuro do programa nuclear iraniano, essa deve ser uma questão fundamental”, defendeu.

## DEFESA

# Trump cobra, e Otan atende

» RENATA GIRALDI

Em meio à apreensão sobre a confirmação do cessar-fogo entre Israel e Irã, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pressionou a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) a cumprir o acordo de repasse de até 5% do PIB de cada um dos 32 estados-membros para segurança e defesa da América do Norte e da Europa. Ele criticou duramente o primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, que reagiu à pressão, informando sobre a dificuldade de atender ao apelo.

Antes de chegar a Haia, na Holanda, para o encontro da Otan, o norte-americano reiterou a necessidade de cumprimento do artigo 5 do Tratado de Washington, que determina que todos os estados-membros da entidade cooperem em caso de ataque. Do contrário Trump ameaçou não dar assistência aqueles que não contribuírem, a quem chamou de “maus pagadores”.

Sánchez argumentou que ir além de 2,1% nos repasse, obrigaria o governo espanhol a aumentar impostos e sacrificar seus gastos sociais.

Segundo ele, será feito um esforço para atender, mas também para buscar a flexibilização. Porém, Trump reagiu. Rutte tem dito desde então à imprensa que não há cláusulas de exceção, mas fontes do governo espanhol insistem em que Madri vai ratificar a posição comum, desde que se respeite esta flexibilidade. No ano passado, os Estados Unidos aportaram 62% do total de gastos para o setor de segurança e defesa, agora ele cobra o retorno.

De acordo com dados da própria Otan, o gasto médio com a Defesa entre os membros europeus e o Canadá foi de 2%, a meta dominante até agora. A meta de 5% em 2035 se constitui de duas etapas. Na primeira fase, 3,5% para gastos militares em sentido estrito, que se soma 1,5% em investimentos em áreas como cibersegurança, infraestruturas e proteção de fronteiras, úteis tanto para fins civis quanto militares.

Os gastos com defesa têm sido um assunto espinhoso para os membros da OTAN e uma fonte persistente de irritação para o presidente dos EUA, Donald Trump, que exigiu que os aliados



Em Haia, o norte-americano é aclamado como herói pelo cessar-fogo

dobrassem suas metas de gastos de 2% para 4% do PIB em 2018. Países, como Polônia, Estônia, EUA, Letônia e Grécia conseguiram atingir a meta, mas Canadá, Espanha e Itália, ficaram abaixo do limite de contribuição.

### Elogios

Após anunciar um cessar-fogo entre Israel e Irã, o republicano chegou a Haia a tempo de participar de um

## » Aliança militar

A Otan é uma aliança militar de 32 países da América do Norte e da Europa e tem como foco a segurança e a defesa mútua, em nome de estabilidade e paz. Integram a organização: Albânia, Alemanha, Bélgica, Bulgária, Canadá, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Islândia, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Macedônia do Norte, Montenegro, Noruega, Países Baixos, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Romênia, Turquia, Suécia.

banquete oferecido pelo rei holandês Willem-Alexander aos 32 líderes da Aliança Atlântica. Antes de chegar à reunião, Trump publicou em sua plataforma, Truth Social, a mensagem com elogios que recebeu do secretário-geral da Otan, Mark Rutte.

“Parabéns e obrigado por sua ação decisiva no Irã, que foi realmente extraordinária (...) Agora você está voando rumo a outro grande êxito em Haia esta noite. Não foi fácil, mas conseguimos que todos consentissem com os 5%!”, escreveu Rutte a Trump, em uma mensagem cuja autenticidade foi confirmada para a AFP. “A Europa pagará alto, como deve fazer, e esta vitória será sua”, acrescentou Rutte na mensagem a Trump.

Ao invés de elogios, o chanceler da Alemanha, Friedrich Merz, preferiu indicar que a posição da Otan é para preservar o bloco como um todo. “Não estamos fazendo isso, como alguns sugerem, para agradar aos Estados Unidos e seu presidente”, afirmou. “A Rússia, mais que nenhum outro

país, ameaça, ativa e agressivamente, a segurança da Europa”, destacou.

### Ucrânia

Há uma expectativa de encontro hoje entre Trump e o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, em uma reunião bilateral. Os líderes europeus e o próprio Rutte deram espaço a Zelensky em um evento paralelo sobre a indústria da Defesa. “Continuaremos dando pleno apoio à Ucrânia e pressionando a Rússia. O 18º pacote de sanções está a caminho”, disse o presidente do Conselho Europeu, António Costa.

“A Europa da Defesa enfim acordou”, comemorou a presidente da Comissão, Ursula von der Leyen, fazendo um balanço da recente criação de dois mecanismos que devem mobilizar 800 bilhões de euros (ou R\$ 5 trilhões, na cotação atual) nos próximos anos em investimentos e créditos destinados ao setor. “Aqui você está entre amigos”, disse Von der Leyen, dirigindo-se a Zelensky.

## Três perguntas para

**FERNANDA MEDEIROS**, professora do Centro Universitário de Brasília (Ceub) e doutoranda e mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília, com experiência em teoria das Relações Internacionais, política internacional e Oriente Médio

**O apoio da Otan elevando os investimentos em defesa é uma forma de garantir um freio na guerra entre Israel e Irã?**

O aumento dos investimentos em defesa é uma pauta adotada pelo presidente Trump em

seu primeiro mandato. Trata-se de uma questão mais antiga — os americanos acreditam, e não estão inteiramente sem razão, que pagam muito mais pelo funcionamento do sistema do que os demais membros. De uma perspectiva de segurança coletiva, é necessário que os investimentos cresçam diante do aumento da insegurança global — e, nesse contexto, o conflito entre Israel e Irã se insere como um dos fatores.

**A exigência de Trump para que cada governo repasse o**

**equivalente a 5% do PIB por 10 anos para o setor pode ser uma forma de assegurar um freio nos demais conflitos, como Rússia x Ucrânia e Gaza?**

Essa proposta é uma tentativa de equilibrar os gastos dentro da Otan, convocando os europeus a assumirem maior responsabilidade (na visão americana). É claro que mais investimentos indicam uma preocupação crescente com a situação de segurança internacional — uma tendência também observada individualmente em países como Reino Unido e França,

nos últimos meses. A OTAN, porém, não é uma organização voltada à pacificação de conflitos; sua atuação se dá, sobretudo, quando um de seus membros é diretamente atacado. Por isso, sua influência sobre o conflito em Gaza é limitada. Já no caso da Rússia, tudo dependerá do desdobramento futuro da guerra.

**Ontem foi a Otan, antes o Conselho de Segurança da ONU. Que outras entidades internacionais devem se manifestar?**

A manifestação da Otan reflete o aumento da preocupação global com a segurança, mas segue uma tendência que antecede o conflito entre Israel e Irã. Além do Conselho de Segurança, é possível que outros órgãos das Nações Unidas se pronunciem, embora com menos peso político. Também vale acompanhar eventuais manifestações de organizações regionais, como a União Europeia e a Liga Árabe, especialmente se houver escalada territorial ou agravamento da crise humanitária. (RG)

UniCeub

